

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Brasileiro

Class.: Pix- Requias

Data: 23/01/86

Pg.: 664



Silvia e Rafael (abraçando sua filha) tocam hoje à noite no Bom Demais: música em apurada sensibilidade e estilo

SHOW

A primeira fala de Brasília é a música

CELSO ARAUJO

Para as nossas belas e sertanejas noites de verão, nada melhor que uma música que corresponda ao céu aberto, às estrelas preciosas à solidão que adormece a cidade. E hora em que os corações se elevam. Descer o bloco, chegar ao Bom Demais, à Quinta Instrumental exatamente, onde hoje à noite os enamorados Rafael Bastos e Silvia Beraldo tocam algumas peças que vão fundo na alma e na música. Rafael Bastos viveu quase uns vinte anos em Brasília, foi aluno e professor da Universidade, formou-se em Musicologia e Antropologia, e hoje vive em Florianópolis, ao lado de Silvia Beraldo, instrumentista de sopro de primeira linha. Rafael veio como convidado do Curso Internacional de Verão, da Escola de Música, onde falou dos seus estudos de Musicologia, e ao lado de Silvia participou do Curso de Improvisação.

Aproveitando a dica, e como um jeito sensível de render homenagens à cidade, eles tocam somente hoje à noite no Bom Demais um repertório que vai de composições próprias a alguns momentos do Jazz, da bossa-nova e do bolero. Em Florianópolis, que Rafael prefere chamar de Ilha do Desterro ("mania de toda cidade perder o nome original para adotar o nome de um general"), eles tocam em bares e auditórios pequenos, e dedicam maior parte do tempo ao estudo da Música; Rafael toca violão e Silvia flauta doce, transversal e saxofone. Juntos, ou cada um por si, compõem peças muito curiosas e gostosas, que ainda vamos levar algum tempo pra ouvir em gravação. E que estamos acostumados a pensar que só se faz música dentro do esquema e do complexo fonográfico industrial. Bobagem, há músicos de primeira grandeza

compondo, pesquisando e adiantando lances, sem grandes fronteiras entre o erudito e o popular, brasileira e internacional, instântaneo e eterno.

Rafael Bastos, balano, com a sua formação em Composição e Instrumento, e ainda os conhecimentos de Antropologia, estudou durante bom tempo a música de tribos indígenas do País e já publicou um virtuoso ensaio sobre a Música no Alto Xingu. Conhece a fundo a respiração, a vocalização, a estrutura complexa e poética da música dos índios do Xingu e outras regiões da Amazônia. Já compôs de canções a boleros e maxixes, acha que a música brasileira é esse ouvido elástico que vai de Waldick Soriano a Vitor Assis Brasil e tem muita coisa boa inédita. Há mais de dez anos compôs peças evocativas dos grandes rios do Norte, como Rio Xingu Rio Amazonas, Rio Tapajós e Rio 364 (uma estrada de rodagem que para os índios suruí (?) é como um rio).

No repertório de hoje à noite, uma música instrumental que tem muito de "pessoal e peculiar", como define Silvia Beraldo. E peças como "Paulistão", um balão às avessas, "Vereda", "Freelero", "Maxixe" e "Bibi Monk", além de um curioso "Free em Floripa", apelido carinhoso de Florianópolis. Para Rafael, a música no Brasil está passando por uma transição definitiva. Desde 70, diz ele, vem se processando um caminho em direção à música instrumental mais sofisticada, uma até desverbalização da música. E ele se lembra de Caetano Veloso: o Brasil pode ser um absurdo, mas tem ouvido musical. "Sinto que os elementos estão se preparando e a explosão dessa música deve se dar na década de 90".

Rafael defende a introdução da música brasileira nas escolas de primeiro e segundo grau, como

maneira direta e sensível de se tomar de conta do que é nosso. Nas escolas, a criança e os jovens são direcionados para a música do Século XVII, para as formas cultas. Isso é necessário, lembra Rafael, mas é preciso escutar também a grande cachoeira sonora desse País. "O que me fascina em Brasília é que a sua primeira geração está se manifestando pela música, a fala de Brasília é a música, aqui é como um grande convento medieval. O exemplo da EMB introduzindo a música popular dentro da escola é mais um avanço".

Rafael Bastos, irmão de outras duas figuras brilhantes e fundamentais em Brasília (o poeta Hermenegildo Bastos e o professor Fernando Bastos), está devendo ao grande público uma edição caprichada de seu estudo sobre a Musicológica Kamay Urá. Ele já colaborou com Marco Pereira na coleção Música Popular do Norte e espera em breve o sinal verde para a gravação de um disco inteiro com a música do Alto Xingu. É uma realização urgente e indispensável ao Brasil. Conhecer a música dos índios brasileiros é mergulhar no mistério da criação, e há muita coisa esplêndida a se ganhar com essa música. Para Rafael, é curioso unir o científico ao sensível, à sua própria experiência artística. "Tudo me interessou, desde a experiência técnica, os instrumentos, até a parte de composição improvisação. Considero-me um aprendiz da música xinguaná, uma música identificada com a vida, de uma poética semelhante à do Concretismo, com uma elaboração formal muito sofisticada".

E essa música está em extinção? Rafael é preciso: "Acho que não. Os índios estão aí pra ficar. Não são somente o passado e o presente, mas estão juntos em nosso futuro".